cescontexto

As casas vistas de dentro e de fora

Organização
Carlos Fortuna

Nº 21
Julho, 2018
Debates
www.ces.uc.pt/cescontexto

Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

© Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2018

Índice

Nota de abertura 3

Carlos Fortuna
As casas em dois sentidos 4

Madalena Duarte
Violência dentro das casas 8

Sílvia Portugal
O cuidado em casa e o cuidado da casa 16

Carolina Anselmo
Mudar de casa 19

Bruno Franco Alves
Conexões Público-Privado 24

Violeta Rodríguez
Morar fora de casa: uma experiêrncia de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México 28

Rómulo Oliveira
Janela de classe e o olhar no olho da casa 33

Adelino Gonçalves
O(s) lado(s) de fora da casa 43

José Manuel Mendes
Os “sem-casa”... e depois? 46

Graça Índias Cordeiro
A rua e a casa, que relação? 49

Paulo Peixoto
A casa despida 53

As casas em dois sentidos

Carlos Fortuna, Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
cjfortuna@gmail.com

Oh as casas as casas as casas
as casas nascem vivem e morrem
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras
distinguem-se designadamente pelo cheiro
variam até de sala pra sala

Ruy Belo, Oh as casas as casas as casas
Todos os Poemas
Lisboa, Assírio & Alvim, 2000

Nesta intervenção farei uma breve alusão à casa a partir da aproximação de duas dimensões sensoriais particulares: a visão e a audição. A inspiração para tal decorre do próprio poeta Ruy Belo que no seu *Oh as casas as casas as casas* reconhece – em boa hora adotado como marca inspiradora desta 20ª Semana Cultural de UC – que é sensorial a marca distintiva de umas e de outras casas.

Começarei por fazer notar a importância da dimensão sociocomunicativa trazida pela introdução da televisão no espaço doméstico que continua objeto de escassos trabalhos sobre o impacto televisivo no desenrolar das sociabilidades e das interações sociais em espaços restritos.

A casa e o sentido da visão

Como regra da sua relação com a casa, a TV surge um intruso que atrai as atenções da comunidade familiar e condiciona o comportamento dos seus membros. Trata-se de uma réplica do que antes teria originado uma primeira geração de instrumentos tecnológicos como o telefone e a rádio. Introduziram uma relação de abertura inesperada ao exterior que converteu a casa a um lugar de experimentação de uma cultura cosmopolita.

É nesta base que surge a ideia de casa como oximoro, ou seja, entendida como "casa total", a fazer ressoar o que Marshall Macluhan havia designado por "aldeia global".

A TV, com a sua abertura da casa ao mundo, fez diminuir o entendimento da casa como microespaço de recato familiar. Gradualmente, e de forma muito acentuada a partir da década de 1980, a ideia casa-fortaleza foi substituída por uma outra: a da *casa-fraqueza*. Esta última assenta na contínua "entrada" em casa da segunda geração de dispositivos de comunicação (computador, telemóvel, internet, e seus derivados comunicacionais) que, se assim se pode dizer, fizeram com que o íntimo e familiar se pudesse agora desenrolar à vista de todos. Assim ocorreu pelo menos na larga maioria das casas de classe média.

Nestas, o consumo doméstico da TV veio causar uma profunda transformação do espaço da casa. O sinal mais relevante dessa transformação reside na necessidade de criar espaço para a TV, de modo a que todos os membros família pudessem usufruir daquela novidade em simultâneo. O resultado foi o surgimento da "sala da televisão", e o seu rearranjo espacial

interno. Anteriormente ao surgimento do aparelho de TV, a função recreativa da família desenrolava-se na "sala de estar" com uma configuração própria – cadeiras em redor de uma mesa central – destinada a colocar uns em frente dos outros, numa relação direta face-a-face em que decorria a conversação familiar.

Fig. 1 - "Sala de estar" anterior à TV

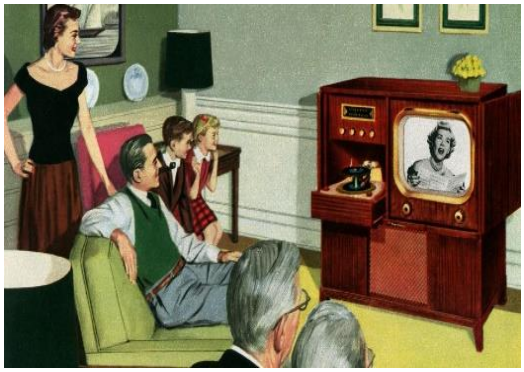

Fig. 2 - "Sala da televisão"

O advento da TV alterou esta disposição física dos membros da família, já que o novo aparelho veio conquistar a centralidade posicional para ficar ao alcance da visão de toda a gente. Cadeiras e sofás passaram a estar alinhados lado a lado, para facilitar o visionamento, em resultado do que as pessoas abdicaram de se olhar de modo frontal e passaram a olhar-se de relance, exercitando a sua visão periférica, em sinal (involuntário?) de desatenção interpessoal, dada a proeminência espacial estratégica do "aparelho".

Esta centralidade estratégica da TV não era apenas espacial, já que a imagem-som da televisão ganha proeminência e marginaliza os temas domésticos que antes imperavam (a escola do filho, o emprego do pai, a doença da avó, etc…). Agora é o mundo lá fora, as suas imagens e relatos, que comanda e dirige a cadência e a vivência familiares que, deste modo, se revela, como nunca, permeável ao exterior.

Este "frio" e a distância crescentes do relacionamento intra-familiar que a TV provocou haveria de ser reforçado com o acesso aos novos dispositivos de comunicação. À medida que aumentava a área média dos apartamentos de classe média, multiplicavam-se as divisões internas – o quarto do filho, da filha, dos pais, dos avós – e singularizavam-se as funções de cada uma, em detrimento das anteriores funções partilhadas pelo coletivo familiar. Em especial os quartos dos jovens tornam-se verdadeiras fortalezas, onde se isolam para comunicar com o mundo lá de fora. Encontramos aqui uma outra ambiguidade dentro da casa: o isolamento pessoal entendido como pré-condição da possível comunicação social com outros.

É sobejamente conhecida a crítica que este isolamento dos jovens em casa tem gerado: quebra de laços, hiper-individualismo, atomismo excessivo, perda de competências comunicativas, etc. No fundo, não se distingue de forma essencial da avaliação crítica que a sociologia fez sobre os primórdios da busca da afirmação individual dos sujeitos na modernidade, quer se trate da fuga à "tirania da comunidade" como estratégia de afirmação da individualidade de que fala Richard Sennett, quer da clássica "multidão de isolados" (*The lonely crowd),* abordada por David Riesman no dealbar da sociedade de massas.

Tenho sustentado que este refúgio dos jovens no seu espaço íntimo dentro de casa revela uma natureza diferente do convencional entendimento que tende a atribuir-lhe um sentido de

puro individualismo e isolamento. De modo muito breve, direi que esta fuga expressa antes uma escolha preferencial de um grupo social em vez de outro, uma deslocação da família para os amigos virtuais. Quero admitir com isto que o isolamento deliberado dos jovens de hoje pode conter um capital renovado de experiência social e de abertura ao mundo que tem sido negligenciado ou incompreendido. A hipótese que gosto de alimentar é a de que, encerrados nos seus quartos, os jovens de hoje, possam estar a manipular com inusitada e reconhecida mestria os dispositivos comunicacionais (computador, vídeo, *smartphones*, *tablets*, *twitter*, *facebook*, *instagram*) que os ligam intensamente a outros e possam estar, assim, a cerzir um novo e insuspeitado ethos cosmopolita e progressista. Quiçá um ethos transclassista, feito de distâncias tornadas próximas, em tudo semelhante ao que alguns sociólogos chamam "políticas de piedade".

A casa e o sentido da audição

Estar "dentro" de casa é, ou pode ser, como outros/as participantes irão mostrar nestas sessões, equivalente a estar "fora", no espaço público das ruas e praças e das interações múltiplas. Isso tem muito que ver com a função da TV, no decurso das últimas seis ou sete décadas. Na linguagem que venho a utilizar dir-se-ia que a "casa" deixou de ser a impenetrável *fortaleza* como se imaginou outrora. Se insistirmos na lógica do sensorial, o que antes se disse da TV como dispositivo visual, pode complexificar-se se convertermos o mesmo aparelho não em dispositivo gerador de imagens, mas em dispositivo auditivo, que capta pelo que comunica sonoramente.

Vamos por partes. Desde há quase duzentos anos que as paisagens sonoras penetram, imperturbável, o suposto recatado silêncio do domicílio. A irritação de vários setores sociais europeus bem-pensantes com o ruído urbano encontra-se devidamente documentada: filósofos que condenam a atroz sonoridade do chicote vibrado pelos carroceiros sobre os animais das carroças que passam; burgueses que incriminam os ruídos provocados por populares para tornarem reconhecida a sua existência; políticos que denegam os pregões do negócio popular de rua; empresários que inventam soluções contra as infiltrações sonoras oriundas da rua… Ao contrário deste mal-estar social, no campo das artes encontram-se sinais de profunda complacência com os novos ruídos urbanos. Os futuristas de princípios e meados do séc. XX, foram os que mais aclamaram a chegada do ruído metálico causado pela indústria e os transportes modernos. Uns, como Luigi Russolo no seu L'arte dei Rumori, procuraram imitá-lo musicalmente como sinal de aclamação dos tempos vindouros. Outros, como Umberto Boccioni, tentaram pintar os ruídos da rua e a sua imparável entrada em casa como frenético e disforme articulado de cores. Entre nós, deve-se ao Álvaro de Campos da *Ode Triunfal* um dos mais erotizados cânticos ao ruído mecânico em que o poeta aspira ser possuído por ruidosas rodas, máquinas e motores.

Fig. 3 - "La strada entra nella casa" Umberto Boccioni (1911)

Quero com isto referir-me à pouco celebrada sonoridade da TV enquanto dispositivo doméstico. Na verdade, não é apenas o visionamento das imagens televisivas que está em causa. É também o modo, digamos alternativo, como nos entregamos à imagem da TV em casa. Ver televisão pelo "canto do olho" é uma forma expedita de reclassificar o lugar da televisão no espaço doméstico. Com este olhar a TV de

relance, deslocamo-nos da imagem para o enunciado sonoro que emite e fundimos os sentidos da visão com o da audição. É corrente que no desenrolar de muitas atividades domésticas a que nos entregamos deixemos a TV ligada. Dela recebemos apenas o som enquanto nos dedicamos a atividades outras. É absorvido com a mesma passividade relativa com que se liga o rádio a conduzir o automóvel ou a estudar. Só quando, pontualmente, o som da TV nos faz despertar para o conteúdo da notícia é que olhamos atentos para a imagem projetada. O som claramente domina a imagem, o que é mais uma inesperada ambiguidade que deixo registada: a televisão como objeto sonoro, mais que objeto visual. Com tal metamorfose queremos tão só que o som e os ruídos tele-transmitidos a partir de fora penetrem o domicílio, em manifesta consonância com o que Boccioni retratara. E assim damos como provada a ideia de um disseminado horror social ao silêncio em que a TV tanto se adequa. O ruído *fora* e *dentro* da casa é manifestamente um sinal inelutável da nossa condição atual. Não só da nossa condição social mais geral, mas também da nossa condição particular de animais domésticos, refugiados no aconchegante barulho das nossas casas.

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES
Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa
Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

· U C ·
COMPETE
QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
UNIÃO EUROPEIA FEDER
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
POPH